



VIVA O SUS E A CIÊNCIA Vacina para todos

A medida que a vacinação avança no Brasil, fica cada vez mais claro que, sim, a imunização de toda a população é a saída para o combate à pandemia da Covid-19. O Brasil já poderia estar com a vacinação muito mais adiantada, milhares de mortes poderiam ser evitadas e a economia teria, ao menos, sinais de um mínimo de normalidade se o presidente do país, Jair Bolsonaro, não tivesse desprezado tanto a pandemia. O governo federal deixou de comprar, em agosto de 2020, cerca de 70 milhões de vacina Pfizer.

Hoje é público e notório de que não foi apenas o negacionismo bolsonarista que matou tantos entes queridos de nosso

povo. A corrupção comeu solta, inclusive, com o envolvimento do alto escalão do Ministério da Saúde na compra superfaturada da vacina indiana Covaxin.

Ao se opor à vacina, o governo brasileiro apostou primeiro na chamada “imunidade de rebanho” (deixar o contágio comer solto até a população atin-

gir imunidade), uma teoria desumana e sem fundamentação científica e no uso do tratamento precoce (Cloroquina e Ivermectina), uma farsa que enriqueceu laboratórios de medicamentos mas não teve nenhuma proteção comprovada à vida, ao contrário, matou pessoas usadas como verdadeiras cobaias.

Apesar de Bolsonaro, mais de 60% dos brasileiros foram completamente imunizados. A verdade prevaleceu: o lockdown, adotado no mundo inteiro evitou mais mortes, a maioria do nosso povo defende a vacina e ninguém que tomou a vacina “virou jacaré” ou “foi contaminado pelo HIV” como afirmou o presidente insano.

Os fatos derrotaram o negacionismo.

Viva a ciência.
Viva o SUS.
Viva o triunfo da vida.

Não ao negacionismo

SAÚDE PARA TODOS

Fale conosco. Estamos sempre ao seu lado



Diretor Executivo
Edelson Figueiredo



Diretor Pleno
Paulo Matileti



Diretor Pleno
Renato Higino



Diretora Plena
Tania Belem



Diretor de Base
Maurilio Silva



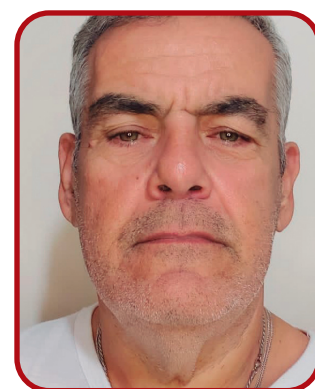
Diretora Plena
Josenilda Araújo



Diretora Plena
Nancy Furtado



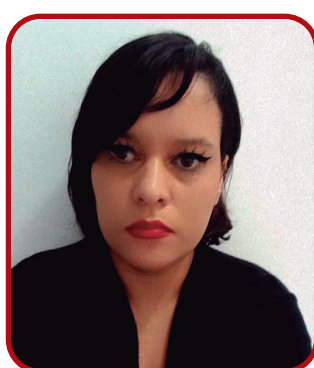
Diretora Plena
Mônica Maia



Diretor Pleno
Ronaldo Gonzaga
(Ronaldão)



Diretora de Base
Mariana Turl



Diretora de Base
Roberta Gusmão



Diretora de Base
Carla Lannes



Diretora de Base
Denia Faria



Diretora de Base
Leonice Pereira



Diretor de Base
Thiago Santana



Bruna Macaio
Funcionária



Flávio Apolinário
Funcionário



Isabelle Escovino
Estagiária

**Telefones: 2103-4110//
4186/4176/4149/4116**

Email: saúde@bancariosrio.org.br

BANCÁRIO

Presidente: José Ferreira Pinto – **Sede** – Av. Pres. Vargas, 502/17º, 20º, 21º e 22º andares - CEP 20071-000 – Centro – Fax (Redação): (021) 2103-4112 – **Sede Campestre** - R. Mirataia, 121 - Tel: 2445-4434 (Pechincha/Jacarepagua) – **Secretaria de Imprensa** (imprensa@bancariosrio.org.br) – Vera Luiza Xavier (Banerj/Itaú), coordenador responsável **Coletivo de Imprensa:** Ronald Carvalhosa (Banerj/Itaú), José Pinheiro (Banerj/Itaú) - **Editor:** Carlos Vasconcellos - MTb 21335/RJ - **Redatores:** Carlos Vasconcellos e Olintho Contente - **Diagramador:** Marco Scalzo - **Fotos:** Nando Neves - **Secretário de Imprensa:** Celedon Broca – Secretaria de Cultura (cultural@bancariosrio.org.br) - Tel.: 2103-4150 – Secretaria de Bancos Públicos (bancospublicos@bancariosrio.org.br) Tels.:2103-4122/4123 – Secretaria de Bancos Privados (bancosprivados@bancariosrio.org.br) Tels.: 2103-4121/4124/4172 – Secretaria de Saúde (saude@bancariosrio.org.br) Tels.: 2103-4110/4116/4149/4176 – Secretaria do Jurídico (juridico@bancariosrio.org.br) Tels.: 2103-4104/4125/4128/4173 – **Impresso na 3 Graph - Distribuição Gratuita - Tiragem: 3000**

METAS ADOECEM**Quatro em cada dez bancários sofrem****ASSÉDIO MORAL**

Uma pesquisa realizada pela Confederação dos Trabalhadores do Ramo Financeiro (Contraf-CUT) com o Fundo para Igualdade de Gênero (FIG), realizada com 2.609 bancários de 25 estados revelou que 60,72% dos trabalhadores entrevistados sofrem assédio moral e se sentem nervosos, tensos ou preocupados em função da atividade profissional nos bancos. Outros sintomas apontados pelos bancários são cansaço, tristeza, insônia e dor de cabeça. A pesquisa faz parte do Projeto Assédio Moral na Categoria Bancária.



Edelson Figueiredo, diretor de Saúde do Sindicato, acha que é preciso vencer a barreira do silêncio e do medo e estimular as denúncias de assédio moral

tas na Convenção Coletiva da Categoria, a sobrecarga, o acúmulo de funções e a apologia da competição individual foram citados por 71% dos entrevistados como problemas nas relações de trabalho.

SILÊNCIO COMO BARREIRA

“O maior desafio do trabalhador é vencer o medo de denunciar e romper o silêncio”, explica Edelson. Os números comprovam a afirmação do sindicalista: apenas 5,2% daqueles que relataram ter sido vítimas de situações constrangedoras no

PRESSÃO CADA VEZ MAIOR

O estresse e o assédio estão diretamente ligados à forma como se estruturam as relações e o ambiente de trabalho nos bancos. “A categoria se sente cada vez mais pressionada em função das metas abusi-

vas e está adoecendo por causa da prática constante de pressão psicológica e assédio moral”, explica Edelson Figueiredo, diretor da Secretaria de Saúde do Sindicato dos Bancários do Rio. A jornada excessiva de trabalho, muitas vezes além das seis horas diárias previs-

trabalho falaram sobre o assédio sofrido com alguém, geralmente, da família. “O papel do Sindicato é apoiar o bancário assediado e estimular para que ele denuncie a prática de violência psicológica. A maior arma do assediador é o silêncio do empregado”, destaca o sindicalista.

Descaso dos bancos com sequelas da Covid-19 preocupa bancários

Uma pesquisa apresentada durante a 23ª Conferência Nacional dos Bancários, em setembro deste ano, realizada em parceria com a Universidade de Campinas (Unicamp), apresentou dados sobre um problema que preocupa muito a categoria bancária: as sequelas da Covid-19. A falta de apoio começa ainda durante o estágio de infecção do trabalhador: do total de entrevistados, 31,2% dos bancários responderam que o banco não lhe proveu assistência durante a infecção e 41,8% disseram que os bancos não disponibilizaram testes para o coronavírus. E aproximadamente 25% disseram ter contraído Covid-19 e quase nenhum teve o reconhecimento da relação do contágio com o trabalho, seja pela empresa, seja pelo INSS



OMS alerta para sequelas da COVID-19 que podem surgir meses após a infecção

COBRANÇAS CONTINUAM

Quando o bancário, recuperado, retorna ao

trabalho, os bancos fazem cobranças sem levar em consideração as condições de saúde do bancário acometido pelas sequelas do vírus. “Não dá para os bancos continuarem tratando como se tudo estivesse normal após seus empregados se recuperarem dos sintomas do vírus e fazerem cobranças de um trabalhador que teve sua memória e concentração, por exemplo, afetadas pela Covid. É preciso dar toda a assistência médica e psicológica para estes trabalhadores”, disse Edelson Figueiredo, secretário de Saúde do Sindicato.

A Organização Mundial de Saúde (OMS) tem feito seguidos alertas de que as sequelas da doença podem surgir meses após a infecção

DIA MUNDIAL DE COMBATE À AIDS

HIV: evoluímos no tratamento, mas não no preconceito

Lucinha Araújo, mãe do cantor Cazuzza, criadora da fundação Viva Cazuzza, que cuidou de crianças com HIV durante 36 anos (em fevereiro de 2021 foi entregue a Prefeitura do Rio, que manteve o projeto do novo Espaço Cazuzza), exaltou recentemente os avanços no tratamento da Aids, mas lamentou que o preconceito permanece quase intacto. “No preconceito não evoluímos, mas no tratamento sim, tanto que hoje em dia morre-se muito menos de Aids”, declarou a mãe do artista que morreu da doença no dia 7 de julho de 1990.

TABU TAMBÉM NA CATEGORIA

Fato é que as pessoas com HIV são ainda discriminadas por preconceito e tabus. As declarações do presidente Jair Bolsonaro em sua live no dia 26 de outubro foram uma demonstração desta visão discriminatória, ao afirmar que “a vacina contra a Covid-19 provocaria o vírus



Uma dica para depois que a pandemia passar: abraço, beijo e afeto não transmitem aids. O preconceito é hoje a maior barreira enfrentada pelos portadores do HIV

do Aids em quem recebesse a imunização”. A fake news é um atentado à saúde pública, já que uma afirmação de quem ocupa o mais importante cargo público do país pode influenciar pessoas desinformadas, apesar de que, no Brasil, o negacionismo foi derrotado pelo povo brasileiro que, em sua esmagadora maioria, entendeu a importância da vacinação para a vida de toda a população.

“É importante que todos os

bancários e bancárias contribuam com a campanha contra a discriminação aos portadores do HIV. Beijo, abraço ou aperto de mão, afeto e respeito não transmitem o vírus. Até em nossa categoria esta doença é ainda um tabu”, disse o diretor da Secretaria de Saúde do Sindicato, Edelson Figueiredo.

O HIV pode ser transmitido pelo sexo, pelo sangue, na gravidez, no parto ou na amamentação. Com o avanço do tratamento, que prolonga

a vida e leva os portadores da doença a um rotina normal, o maior desafio da sociedade brasileira é vencer a barreira do preconceito e garantir a prevenção, com sexo seguro, através do uso de preservativo. O Dia Mundial de Combate à Aids é em 1º de Dezembro e o Sindicato busca, através de sua Secretaria de Saúde, conscientizar a categoria de que é necessário pôr fim ao preconceito em relação aos portadores do HIV.

Bloco dos Bancários: uma lição de campanha da prevenção ao HIV

O Bloco Vestiu uma Camisinha Listrada e Saiu Por Aí, a tradicional agremiação carnavalesca dos bancários tem uma tradição histórica que é um exemplo na campanha de prevenção à Aids. O Bloco dos Bancários distribui, sempre que desfila, centenas de preservativos, para o amor e o sexo seguro. O nome, criado pelo saudoso ator Marco Hamelin, é sugestivo para a campanha realizada durante o carnaval. “Falar de campanha de prevenção ao HIV, com humor e alegria, é falar do Bloco dos Bancários e da criatividade de



O Bloco dos Bancários tem uma tradição no carnaval: a agremiação, cujo nome Vestiu uma Camisinha Listrada e Saiu Por Aí, batizado pelo saudoso ator e diretor Marcos Hamelin, distribui anualmente preservativos em campanha de prevenção a aids



nosso saudoso ator e diretor teatral Marcos Hamelin, que realizava esquetes o ano inteiro para a nossa categoria com vários temas relevantes”, explica a presidenta em exercício do Sindicato Kátia Branco